

## Relato de Experiência

### Importância da arte como ferramenta de resgate de memória em idosos institucionalizados



*Ivana de Souza Brito*

## Introdução

**D**iante do crescimento da população idosa do país, especialmente em uma metrópole como São Paulo, as chamadas ILPIs (instituições de longa permanência para idosos) têm sido uma opção para as famílias que não podem cuidar de seus idosos.

Trabalhando em casas de repouso há onze anos - desenvolvendo atividades artísticas- pude observar que um dos principais motivos que levam os parentes a decidir pela internação do idoso é a falta de tempo para dedicar-se aos seus cuidados. Na maioria das vezes, os membros da família dividem-se entre compromissos profissionais e vida social, e não raro lhes falta preparo para cuidar do idoso, sobretudo se este é dependente fisicamente e apresenta patologias psíquicas. Nesse contexto, surge a necessidade de terceirizar esses cuidados.

Existem casos, embora poucos, em que o próprio idoso opta por morar em uma casa de repouso. De acordo com Camarano (1999):

Até o presente momento, não existem dados que indiquem a quantidade de idosos que residem em ILPIs no Brasil. Estima-se que, aproximadamente, 113 mil idosos residam em moradias coletivas, deste montante, 107 mil residiriam em ILPIs, o que representa 0,8% da população total de idosos.

Acompanhando os idosos, é possível notar que, ao serem internados nessas instituições, perdem qualidade de vida. Os fatores mais impactantes que contribuem para isso são o distanciamento físico de seus parentes e/ou cuidadores, com quem possuem vínculo emocional, e a perda de referência de lar/casa (local onde está presente sua história de vida). As ILPIs impossibilitam a formação de vínculos e promovem a perda da identidade, uma vez que o idoso passa a ser considerado “hóspede”, o que o afasta de seus objetos biográficos, de seus familiares, de sua rede de amigos. Sua identidade passa a ser associada à velhice, à incapacidade e à senilidade.

Tudo isso leva a um rompimento de praticamente todas as formas de comunicação que utilizamos para nos sentirmos participantes de um ambiente de convivência. Observa-se também que, muitas vezes, os idosos se deprimem por se sentirem solitários e ociosos, o que resulta no aparecimento de doenças e/ou no agravamento daquelas de que já são portadores. Para Queiroz (2010, s/p):

O modelo de atendimento institucionalizado acaba por limitar as possibilidades de vivências grupais, pois impossibilita a formação dos vínculos e, conseqüentemente, o reconhecimento dos idosos enquanto categoria social. A identidade também é mortificada nessas instituições, desde a entrada, com a perda dos laços do passado, a separação dos objetos biográficos, a anulação dos papéis sociais e uma sorte de outras constantes negações do sujeito, que o reduzem a uma identidade associada à velhice, fraqueza e incapacidades.

As ILPIs têm seu principal foco na saúde dos idosos, porém no prisma mais restrito desta, uma vez que a atenção dispensada ao seu morador não vai muito além da higiene e de cuidados médicos, desconsiderando os aspectos social, emocional e espiritual dos hóspedes. Ultimamente, as instituições têm demonstrado uma crescente preocupação com a socialização dos idosos, o que se reflete na promoção de atividades que permitam uma interação maior entre eles.

De acordo com o Artigo 50 do *Estatuto do Idoso* (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003), “constituem obrigações das entidades de atendimento: (...) promover atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer”. O *Estatuto do Idoso* é um instrumento fundamental para a realização dessas atividades de forma institucionalizada.

Minha experiência em ILPIs me permitiu constatar – e documentar por meio de relatos dos idosos – a importância de atividades envolvendo a musicoterapia, a arteterapia e as rodas de conversa, bem como qualquer outro tipo de arte que permita a interação

entre os idosos e o músico ou facilitador, pois elas criam momentos de ruptura da rotina e proporcionam prazer, emoção e diálogo. Segundo Nogueira (2011, p.440):

Como a institucionalização é muitas vezes inevitável, e até preferível em vários casos, torna-se necessário oferecer recursos que contribuam na manutenção e estímulo dos mecanismos cognitivos, evitando declínios acentuados, garantindo assim, autonomia e independência necessária à qualidade de vida do sujeito idoso asilado.

A principal atividade que exerço com os idosos é a musical, com um repertório de músicas de época – elaborado com a ajuda deles, quando preservados cognitivamente. Não sendo possível contar com a colaboração dos próprios, faço uma pesquisa com os familiares para descobrir quais músicas fazem parte de sua memória afetiva. Essa memória é formada no indivíduo pelas músicas que ouviram, cantaram ou dançaram na infância, na adolescência e na juventude. Ademais, parto sempre do princípio de que, em qualquer atividade, cabe ao idoso aderir às práticas que lhe tragam prazer.

A seguir, alguns relatos das atividades desempenhadas ao longo do meu tempo de trabalho em ILPIs. Os nomes apresentados são fictícios, a fim de preservar a identidade dos idosos.

## **Atividades musicais**

### **Relato 1 – Violeta**

Violeta era hóspede de uma ILPI onde trabalhei durante quase dez anos. Era muito falante, bem-humorada e adorava cantar comigo. Gostava da música “As Pastorinhas”, composição de Noel Rosa e Braguinha. Costumávamos nos divertir com essa música: eu cantava um verso, e ela, outro. Estava sempre presente em todas as atividades musicais, e volta e meia ensinava às técnicas de enfermagem e a mim “como se deve namorar”.

Um dia, chegando à instituição, fui informada de que Violeta estava internada. Havia caído, quebrado o fêmur e sido submetida a uma cirurgia. Quando retornou à casa de repouso, em cadeira de rodas, sempre era levada para a atividade, porém não cantava mais. Ficava me observando cantar e tocar com um olhar muito triste. Permaneceu assim durante muitos meses, mesmo que eu sempre a incentivasse a participar e cantasse suas músicas favoritas. Ela não só deixara de cantar como também de conversar.

Certa vez, quando eu entoava “As Pastorinhas”, eis que Violeta começou a cantar comigo, como antes, a plenos pulmões. Todos nós comemoramos muito esse momento. Quando eu disse a ela que estava muito contente por ela estar cantando conosco, respondeu-me: “É que tem dias que a alegria está maior”.

As marchinhas de Carnaval, como a citada, são as músicas mais lembradas pelos idosos (inclusive por aqueles que têm um certo comprometimento cognitivo). São canções curtas e fáceis de ser memorizadas.

### **Relato 2 – Isabel**

Isabel, professora, amante de MPB, morava com seu companheiro em uma ILPI. Tive a oportunidade de conviver com os dois por oito anos. Eles deram uma grande contribuição na formação do meu repertório.

Isabel tocava violão e se orgulhava muito por ter tido como professor um renomado violonista da sua época de adolescência. Gostava de Dorival Caymmi. Um fato que me emocionou muito foi quando me pediu para tocar a música de Geraldo Vandré “Pra Não Dizer que Não Falei das Flores”. Isabel contou que havia se inspirado nessa letra para dar um importante conselho à sua filha, que estava insegura quanto a uma decisão que devia tomar.

Quando a filha veio pedir-lhe ajuda, ela respondeu: “Você já tem a solução dentro de si. Só está um pouco confusa”. Então cantou para ela o trecho da música: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

Durante as atividades há uma rica troca com os idosos, que na maioria das vezes escolhem suas músicas prediletas e compartilham as lembranças que tal escolha suscita. São momentos de escuta e acolhimento.

### **Relato 3 – Manoel**

Manoel tinha idade avançada e saúde bastante frágil, mas sempre cantava comigo. Sua voz era bem fraquinha, e muitas vezes só era possível perceber que ele estava cantando pelo movimento de seus lábios. Eu já havia notado que ele tinha predileção pelas músicas dos cantores do rádio, o que me foi confirmado por ele depois.

Uma manhã, quando cantávamos a modinha “Casinha Pequenininha”, Manoel acenou pedindo que me aproximasse dele. Então ele me disse, bem baixinho, com os olhos lacrimejantes: “Hoje você fez com que eu me lembrasse mais ainda da minha esposa. Essa era a nossa música”.

### **Relato 4 – Paulo**

Paulo era de uma inteligência admirável, autodidata em quase todos os assuntos. Conhecia o mundo todo sem nunca ter feito uma viagem para o exterior. Já o Brasil, ele conhecia de ponta a ponta, e nos presenteava com lindos casos sobre várias regiões. Gostava muito de músicas folclóricas. Era o único hóspede da casa de repouso, nessa época, que conseguia andar. Sempre que eu chegava, Paulo estava fazendo caminhadas pelo jardim, aproveitando o sol da manhã. Quando me avistava, dizia sempre a mesma frase: “Já vamos começar nossa cantoria?”.

Quando iniciávamos a atividade, ele se punha de pé a dançar e a bater palmas. Cantava maravilhosamente e costumava emendar um verso após o refrão de “Meu Limão, Meu Limoeiro”, que dizia: “Quem tem amores não dorme/Nem de noite, nem de dia/Dá tantas voltas na cama/Que nem peixe na água fria”.

Gostava muito de danças circulares. Havia participado de um grupo no Parque da Água Branca e, depois que este se desfez, fazia festas em seu apartamento com os amigos, nas quais dançavam até altas horas.

Em uma ocasião, fui pedir ajuda a ele. Um senhor de outra ILPI em que eu trabalhava pediu-me para tirar no violão a música “New York, New York”, de Frank Sinatra. Como Paulo falava inglês fluentemente, depois de terminada a atividade musical, pedi que me ajudasse com a letra, cantando algumas vezes comigo.

Ele pegou a letra, deu uma olhada e disse: “Você tem um rico repertório de músicas brasileiras lindas. Vai se meter com Frank Sinatra?”. Expliquei que era um pedido de um senhor de outra casa e que eu sempre atendia aos pedidos. Não queria desapontar esse senhor, uma vez que todas as músicas que eu cantava não lhe agradavam. Confesso que já estava um pouco frustrada. Até que, com o tempo, percebi que esse era o divertimento dele (pois não fazia isso só comigo): sempre desaprovava. Entendi que era uma forma de se rebelar por ter ido morar na casa de repouso contra sua vontade. Depois que Paulo viu minha angústia para aprender a música, olhou bem para mim e perguntou: “E você vai levar esse cara a sério?”.

## **Arteterapia**

### ***Relato 5 – Madalena***

Madalena era muito lúcida e, por escolha própria, vendeu seu apartamento, onde vivia sozinha, e foi morar em uma ILPI. Ocupou, durante muitos anos, um cargo de expressão em um banco. Foi casada três vezes, não teve filhos, mas tinha muitas amigas.

Mesmo morando em uma casa de repouso, por ser independente e ter autonomia, sempre saía com as amigas para jantar e se divertir. Com o tempo, porém, isso foi se tornando mais difícil. Madalena foi ficando debilitada, a ponto de atualmente não conseguir ir ao banheiro sozinha.

Fui sentindo-a cada vez mais triste, mal-humorada e crítica com todos os funcionários da casa. Em minhas atividades, como de praxe, procurava saber o que ela gostaria de fazer, deixando bem claro que um dos meus objetivos ali era promover o prazer pela arte. Ela sempre dizia que gostava de atividades que estimulassem a memória. Então eu levava esse tipo de atividade para ela, que agradecia muito, dizia que tinha gostado, mas que estava indisposta e depois faria e me entregaria.

No entanto, ela nunca entregava as atividades nem comentava sobre elas. Um dia, outra senhora me pediu para ensiná-la a fazer crochê. Levei o material necessário. Quando começamos, notei que Madalena nos observava com muita atenção. Ao final do encontro, ela me chamou e disse que já tinha feito crochê muito tempo atrás, mas que há trinta anos não pegava em uma agulha.

Na semana seguinte, levei linha e agulha e entreguei a ela, que ficou extremamente feliz e logo começou a tecer. De lá para cá, não parou mais de produzir caminhos de mesa, forros de bandeja, guirlandas de Natal... Recentemente, chamou-me para perto

da poltrona dela e disse: “Quero te agradecer muito por ter me lembrado quanto é prazeroso fazer crochê. Tinha me esquecido disso. Obrigada”. Esse tipo de resgate sempre acontece nos encontros. Os idosos recordam-se de antigos prazeres.

## **Rodas de conversa**

### **Relato 6 – Alice**

Alice tinha 80 e poucos anos. Era negra, cega, muito bem-humorada e gostava de contar “casos”. Nascida no interior, começou a trabalhar bem jovem em casa de fazendeiro rico da região. Ainda adolescente, casou-se, sendo que o marido foi escolhido pelos patrões. Disse-me que durante toda a vida chamou seu esposo de “senhor” e que o amou muito. Mudou-se para São Paulo com a família, onde trabalhou por vários anos como parteira em um hospital e como garçone, em um bar frequentado por personalidades do mundo artístico. Costumava contar que várias vezes teve a oportunidade de servir a cantora Elis Regina.

Ela sabia o gosto musical e um pouco da história de vida de cada uma das outras senhoras que moravam na casa de repouso, e sempre me dizia que o sonho dela era fazer uma cirurgia para recuperar a visão. A cirurgia de catarata, apesar de simples, era sempre desmarcada porque outros problemas de saúde a impediam de realizar o procedimento.

Nessas rodas de conversa, dispúnhamos as poltronas em círculo e próximas umas das outras para possibilitar que todos se escutassem - a maioria já possuía alguma deficiência auditiva - e facilitar a interação entre os participantes. Um dia, uma senhora muito participativa, deu um importante testemunho: disse que as rodas de conversa promoviam a união do grupo. Segundo ela: “Em uma casa como esta, as pessoas vêm e vão, e acabamos não nos conhecendo. Não sabemos nada sobre quem mora conosco. Conversando, tudo se clareia. Aprendemos o nome das pessoas e muito sobre elas. Afinal, aqui somos uma família”.

### **Relato 7 – Amâncio**

Amâncio era muito simpático e veio de outra ILPI. Chegou bem debilitado, com muitas escaras pelo corpo, mas bastante lúcido. Uma idosa me disse que, por muitos anos, ele foi violonista de um ilustre cantor e compositor.

Nas nossas oficinas de resgate de memória, Amâncio nos contava histórias muito engraçadas. Segundo ele, tal compositor era muito bem-humorado e não comprava cigarros; sempre os pedia aos amigos. Certa ocasião, foram fazer um show em uma cidade do interior. A população local, sabendo da chegada do cantor famoso, foi recebê-lo, inclusive o prefeito da cidade. Quando este estendeu a mão para cumprimentá-lo, o cantor, antes mesmo de apertar a mão do prefeito, disse: “Você trouxe cigarros para mim?”.

Amâncio costumava repetir essa história rindo muito e dizia que havia sido extremamente divertido trabalhar com esse cantor.

## **Relato 8 – Alcântara**

Alcântara era português e morava, com outros imigrantes, em uma ILPI. Nasceu na cidade de Machico, na Ilha da Madeira, onde viveu até os 25 anos. Tinha verdadeira paixão pela cidade natal e ia visitar os parentes quase todos os anos, mas, com a idade, não podia mais viajar. Em nossas conversas em grupo, quando nos reuníamos para a atividade, ele sempre levava fotos maravilhosas da ilha e de seus familiares.

Partindo dessa informação e do desejo de alegrar o coração de Alcântara, resolvi propor uma atividade chamada “Minha cidade natal”, cujo objetivo era retratar o país de origem de cada um dos idosos por meio de informações e fotos. Todos gostaram da ideia e ficaram bastante entusiasmados.

A cada encontro, “visitávamos” o país natal de um dos moradores: Portugal, Espanha, Uruguai, Grécia, Itália e França. Abordávamos a cultura, a culinária, pontos turísticos, curiosidades de cada lugar, e o idoso de cada região contribuía, com muito orgulho e alegria, dando-nos informações detalhadas.

Decidi começar por Portugal, por ter vindo de Alcântara a inspiração para o tema. Iniciei a atividade falando um pouco sobre Machico, o que foi suficiente para que ele começasse a contar, com muita emoção, sobre o lugar. Eu dizia o tópico e ele discorria a respeito e, no final da atividade, estava aos prantos e me abraçou dizendo que tinha vivido uma das grandes emoções de sua vida naquele dia. Os encontros seguintes sobre esse tema transcorreram despertando a mesma emoção nos demais participantes.

## **Considerações finais**

Em pouco mais de uma década trabalhando com idosos institucionalizados, pude constatar que a realização de atividades ligadas às artes proporciona diversos benefícios a esse público, como a formação de vínculo entre os idosos e os musicistas e/ou facilitadores de atividades artísticas e também entre os próprios idosos (sobretudo durante as atividades), o resgate da memória e a oportunidade de explorar a criatividade.

São situações em que eles conversam muito, contam suas histórias de vida, emocionam-se, queixam-se de suas doenças, mas, pelo menos enquanto duram as atividades, se esquecem de suas dores e dão risada – muitos fazem piada da própria condição. São momentos de uma rica troca entre todo o grupo, e a alegria expressa no olhar dos idosos, logo na chegada do profissional, indica que esse trabalho tem um importante valor afetivo.

## **Referências**

CAMARANO, A.A. *et.al.* “Como vai o idoso brasileiro?”. In: *Texto para discussão* nº 681. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

ESTATUTO DO IDOSO. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm). Acesso em novembro de

2020.

KLOTZ, G.A.Q. Qualidade de vida de idosos residentes em modelo alternativo de ILPI. *Revista Mais 60 – Estudos sobre Envelhecimento* (vol. 30, nº 74, agosto de 2019). Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13772+DE+ILPI>. Acesso em novembro de 2020.

NOGUEIRA, F.B. *Musicoterapia e Cognição: A importância do fazer musical para estímulo e manutenção das funções executivas de idosos institucionalizados* (artigo publicado nos *Anais do 7º Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais* de 2011). Disponível em: <https://musicasaude.blogspot.com/p/artigos.html>. Acesso em novembro de 2020.

QUEIROZ, G.A. *Qualidade de vida em instituições de longa permanência para idosos: considerações a partir de um modelo alternativo de assistência*. Dissertação de mestrado. São João del Rei: UFSJ, 2010.

*Data de recebimento: 24/11/2020; Data de aceite: 20/02/2021*

---

**Ivana de Souza Brito** - Graduada em Zootecnia. Pós-graduada em Processo Ensino-Aprendizagem. Musicista de ILPIs e hospitais. Atualmente trabalha em ILPIs com atividades musicais, oficinas de artes e rodas de conversa. Texto escrito para o curso *Fragilidades na Velhice: Gerontologia social e atendimento*, promovido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, segundo semestre de 2020. E-mail: ivanajoana@yahoo.com.br

*Foto de cottonbro/Pexels*